

BIBLIOTECA DE CLASSE: O PRAZER PELA LEITURA

Silvia Craveiro Gusmão GARCIA¹

RESUMO: Relata-se a experiência da formação de gosto pela leitura em classes de Educação Infantil e Ensino Fundamental. Dá-se ênfase ao processo de seleção e, dentro deste processo, a importância da biblioteca de classe.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura; Seleção; Professor Leitor; Roda de Leitura; Biblioteca de Classe

ABSTRACT: CLASS LIBRARY: THE PLEASURE OF READING

An account is given of an experiment in developing a liking for reading in Infant and Primary classes. Emphasis is placed upon the process of selection and, within this process, upon the importance of the class library.

KEY-WORDS: Reading; Selection; Teacher as Reader; Reading Circle; Class Library

Apresentação

As idéias e alternativas didáticas aqui propostas, foram vividas por mim ao longo de 10 anos de trabalho em classes de Educação Infantil e Ensino Fundamental, em duas escolas particulares da cidade de São José de Rio Preto - SP. Vou apresentar, em linhas gerais, como trabalhava a questão da leitura em sala de aula, com crianças entre 6 e 10 anos.

Sempre gostei de literatura e sempre acreditei no seu potencial, principalmente como importante fonte alimentadora para o imaginário, o prazer, a emoção... "Texto de prazer: aquele que

contenta, enche, dá euforia; aquele que vem da cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática confortável da leitura" (Barthes, 1973, p.49). Ou ainda, como tão bem frisou Lajolo (1999, p.105), "a literatura constitui modalidade privilegiada de leitura, em que a liberdade e o prazer são virtualmente ilimitados".

Assim sendo, no dia-a-dia de sala de aula oferecia variadas obras literárias para: fomentar no leitor criança a curiosidade e o interesse por um universo cada vez mais amplo de leitura; investir no desenvolvimento de habilidades como ouvir, interpretar, julgar, opinar sobre as idéias expostas pelo escritor; comunicar às crianças o valor da leitura, procurando ler livros que, considero interessantes, belos e úteis.

¹ Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – UNESP – 15054-000 – São José do Rio Preto – Estado de São Paulo – Brasil.

Portanto, a leitura contínua e permanente de livros de literatura sempre constituiu uma espécie de primeiro mandamento para o desenvolvimento do meu trabalho. Uma segunda condição, era a preocupação com a qualidade² de um conjunto de textos que atendessem às preferências e necessidades reais de leitura das crianças, voltadas à busca, especialmente, de recreação e fruição estética, e por isso mesmo, a necessidade de formar critérios de seleção para esse material literário a ser lido.

Introdução

Compartilhando da mesma idéia de Abramovich (1997, p.16), é muito “importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo...” É, sem dúvida, todo leitor não só se forma lendo por si mesmo, como também escutando ler. Se o que buscamos é a formação de um leitor para toda a vida, nada mais sensato que favorecer essa formação o quanto antes, oralmente, através da voz da mãe, do pai, dos avós, do professor, enfim, lendo histórias para a criança sempre, sempre... ilimitadamente. O “ouvir” histórias é importante, mas não condição única para alguém se tornar leitor. Tão essencial quanto o “ouvir”, é ler, pois é lendo de verdade que nos tornamos leitor, desde a mais tenra idade. É o ler naturalmente, é o adivinhar “cada vez mais corretamente” o sentido daquilo que chama sua atenção e seu interesse graças a indícios ou códigos de leitura que com o passar do tempo vão sendo legitimados. Aliás, não se ensina uma criança a ler: é ela quem se ensina a ler com a ajuda dos pais³, professores e a de seus colegas e dos vários instrumentos da aula, da escola e da vida cotidiana. A parte ajudante do professor é a de facilitador e orientador, ao proporcionar às crianças uma vida em sala de aula bastante estimulante, com situações de leitura efetivas e diversificadas.

O comentário de Zilberman (1985, p.67) ajuda-nos a perceber que o contato original da criança “com o mundo se faz por intermédio da audição e da recepção de imagens visuais”. Diz ela que,

² Marisa Lajolo em seu livro *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*, escreve que “qualidade de texto é imprescindível, mas não é tudo” (1999, p.43). Se pensarmos em um texto tido como bom e superior pela crítica especializada e incluído em um livro didático, é provável que o mesmo seja diluído “pela perspectiva de leitura que a escola patrocina através das atividades com que ela circunda a leitura” (Lajolo, 1999, p.45). No meu caso, esse trabalho de sala de aula envolvia apenas livros de literatura, e qualidade (embora muito particular) era imprescindível, sim.

³ Os pais, ao adotarem a prática constante da leitura, já revelam que o livro (ou jornal, revista, etc.) ocupa um lugar de destaque em suas vidas e certamente estarão estimulando a leitura na vida de seus filhos, especialmente.

“O contato com a literatura infantil se faz inicialmente através de seu ângulo sonoro: a criança ouve histórias narradas por adultos, podendo eventualmente acompanhá-las com os olhos na ilustração. É essa última que introduz a epiderme gráfica do livro, de modo que a palavra escrita apresenta-se via de regra como o derradeiro elo de uma cadeia que une o indivíduo à obra literária. Contudo, tão logo ela se instala no domínio cognitivo de um ser humano, converte-o num leitor, isto é, modifica sua condição. Portanto, é a posse dos códigos de leitura que muda o status da criança e integra-a num universo maior de signos, o que nem a simples audição, nem o deciframento das imagens visuais permitiam” (Id. p.65).

Tendo toda essa verdade básica em mente, não podia correr o risco de “derrapar” em uma situação nada democrática, mas ainda adotada em algumas de nossas escolas, e na maior parte das vezes o aluno *tem* de ler este livro! Se assim eu resolvesse agir, certamente estaria afastando-me dos meus objetivos que eram o de despertar e desenvolver nas crianças o gosto pela leitura e a formação da biblioteca de sala de aula com livros lidos, apreciados e selecionados, segundo critérios pré-estabelecidos, pela própria classe.

O prazer da leitura

Levar as crianças a tomar gosto pela leitura - a leitura com a finalidade de entretenimento, de gozo - é passar a lidar com a formação do leitor, o que envolve a criação de vínculos estreitos entre a criança e o livro. E o bom leitor é aquele que possui critérios para selecionar e avaliar suas leituras. Assim sendo, como abdicar de um conhecimento amplo e variado sobre obras e autores? Como deixar de discutir e elaborar com as crianças questões importantes sobre as obras? Como não estimulá-las a selecionar o que vale a pena ser lido uma, duas vezes, muitas, ou até quem sabe, não ser lido? Na verdade, estas são etapas para se atingir outra meta em questão: montar nosso acervo de sala de aula.

Portanto, nada mais óbvio do que recorrer aos livros de literatura como fonte de divertimento e prazer, algo que se analisa com atenção e minúcia, que se vasculha sem culpa, sem medo e que se internaliza por meio da curiosidade, da descoberta, da emoção, da reflexão, e não da inculcação ou simples digestão.

“...ao se contar ou ler uma história à criança, tem-se que ter em mente, que esta servirá para

*dar prazer a quem ouve e conta,
incutir-lhe amor à beleza,
desenvolver a imaginação, o
poder da observação, o gosto
artístico, ampliar-lhe a
experiência e estabelecer uma
íntima ligação entre o mundo da
fantasia e o da realidade”
(Santos, p.127).*

Para iniciar o meu trabalho com a literatura, alguns pontos estavam bem definidos para mim: ter conhecimento de como a criança aprende, clareza de objetivos e de minha intervenção pedagógica, além de boas doses de imaginação criadora, flexibilidade e sensibilidade.

As salas de aula possuíam poucos exemplares de livros de literatura, comprados pela própria escola ou doados pelos pais e, certamente, não atenderiam a contento os objetivos traçados: ler para gostar de ler e seleção das obras para a biblioteca de classe⁴. Sabendo disto, acrescentava alguns livros meus ao acervo da classe, até então, uma caixa grande de papelão, e com o passar dos dias iam nos resolvendo a organização física dos mesmos, como também selecionando os que iam sendo lidos e discutidos coletivamente e colocando-os (ou não) nas prateleiras da estante, destinadas agora, à biblioteca de classe. A separação e catalogação dos livros seguia o gosto da turma mas, em geral, era feita por autor, em ordem alfabética e, poucas vezes, por editora. Os cartões de leitura⁵ e as fichas das crianças (para empréstimos) eram confeccionados pela própria classe, como também as regras para uso dos livros e cartões de leitura (prazo de empréstimo, renovação, etc). Muitos livros tornavam-se os preferidos de alguns alunos e como seu empréstimo não atendia satisfatoriamente a todos, tampouco as releituras feitas por mim ao longo do ano letivo, resolvemos criar o EU CONTO UM CONTO. Assim, semanalmente, tínhamos esse encontro: uma criança se responsabilizava por contar sua leitura preferida para a classe, além de ter que explicar as razões que o levaram a escolher aquela obra. Acontecia algumas vezes de um aluno desejar contar um conto novo. Orientado por mim, explicava o porquê da escolha, relatava dados sobre o autor da obra para os companheiros de classe e respondia algumas perguntas dos ouvintes. Outro recurso usado para suprir a falta de exemplares, foi o xerox de alguns poemas, crônicas, lendas e textos menores e mais apreciados pela classe, para a confecção dos cartões de leitura - organizados em caixas encapadas e desenhadas pelas crianças. Eram elas também que sempre decoravam com cartazes o canto da sala onde a biblioteca funcionava. Um dos cartazes era o de NOSSAS LEITURAS, cartaz este destinado a anotar as leituras do mês e uma

breve apreciação por parte da classe. O outro cartaz, o EU ADOREI, ficava à disposição dos leitores que se sentissem à vontade para colocar o seu nome e, logo à frente, sugerir a leitura que mais lhes agradou - livros da biblioteca de classe ou da escola.

Para darmos início ao processo de seleção das publicações que ocorria durante todo o ano, primeiramente trocávamos idéias sobre a importância da leitura nas nossas vidas, o quanto e de que forma o objeto “livro” está presente em nosso dia-a-dia, e, finalmente, como seria o nosso trabalho com a leitura: o como fazer e o porquê de selecionarmos os livros (formarmos coletivamente a “biblioteca de nossos livros favoritos”). Para chegarmos a esta meta final, era imprescindível o contato permanente e crescente com um acervo amplo e variado de obras, e, acredito eu, despertar, assim, a curiosidade pela leitura em um espaço garantido dentro de sala de aula, sem restrições.

Seleção = exclusão?

Aprende-se a selecionar manuseando o objeto “livro”, lendo, recomendando livros após a experiência leitora, escutando muitas histórias, trocando opiniões com os outros adultos e outras crianças, ouvindo recomendações de especialistas na área, etc.

A seleção de livros para leitura é, acima de tudo, valorização, e não restrição, exclusão. O que deve haver antes mesmo de apresentarmos os materiais impressos aos nossos alunos, é uma leitura prévia e cuidadosa feita pelo professor, a fim de priorizar um determinado livro em relação à outras publicações, sentir sua adequação à compreensão das crianças, e aí sim, partir para planejar a mediação com os alunos e o processo de seleção.

É preciso privilegiar a progressiva familiaridade dos alunos com textos aprovados pelos canais competentes, e que por isso mesmo, configuram a literatura, um dos fatores decisivos para a eficácia do trabalho com a literatura na escola, bem diferente do que muito ainda hoje se vê: a avaliação dos alunos pela quantidade de livros emprestados da biblioteca.

Meireles (1979) deixa claro que a criança possui sensibilidade suficiente para escolher o que ler. Diz ela (p.96) que,

“... as crianças gostam de histórias ricas de conteúdo humano, prova-o a escolha que têm feito, através dos tempos, entre livros tão variados. Que são sensíveis à arte literária, a certos requintes de técnica, basta ouvir-se o testemunho de alguns que recordam a infância”. (p.96)

E ainda completa, escrevendo que,

⁴ Os livros não selecionados voltavam para a caixa e lá ficavam, caso alguém se interessasse em consultá-los.

⁵ Estes cartões eram alguns textos lidos em classe. Xerocados, eram colados em pedaços de cartolina e plastificados.

“Um livro de Literatura Infantil é, antes de mais nada, uma obra literária. Nem se deveria consentir que as crianças freqüentassem obras insignificantes, para não perderem tempo e prejudicarem seu gosto” (Id, p.96).

Qualidade literária é, primeiramente, o “animar-se” com um determinado livro, é sentir a emoção verdadeira, aquela que vem lá do fundo, assim que se folheia rapidamente o livro, mesmo sabendo que essa qualidade tem sua variação segundo o gosto pessoal de cada um. E qualquer livro pode ser apresentado às crianças, desde que os assuntos não fujam muito à sua compreensão e sejam significativos ao seu universo. Infelizmente, nossas editoras não pensam assim, pois na maioria dos catálogos, as publicações destinadas às crianças menores têm classificações preconceituosas: são obras com pouco texto e linguagem simplificada. Desconsideram o fato de que esses leitores iniciantes podem ouvir a história lida por um adulto e de que sua capacidade para interagir com os textos está muito além das recomendações reducionistas de faixa etária.

O desempenho lingüístico do escritor também é importante para estreitar a relação entre livro e criança; por isso mesmo, a utilização de estruturas coloquiais e a introdução de expressões mais complexas e vocabulário novo, não só são necessários, como ampliam a capacidade lingüística do leitor. Amarilha (1997, p.56) reafirma isso quando escreve que,

“ao ter contato com a literatura, a criança familiariza-se com estruturas lingüísticas mais elaboradas porque é o resultado do trabalho de um escritor - alguém que se especializou em propor desafios inteligentes, lúdicos através da língua”.

A linearidade do texto é outro aspecto que vale a pena ser levado em conta: livros com flash-backs, longas descrições ou justificativas do autor não são muito apreciados pelas crianças. Outros elementos importantes para a recepção do livro são os aspectos externos - capa, ilustrações, tipos de letras, etc, tratados logo mais à frente.

Assim sendo, não existe espaço para os extremos: deve-se levar em conta que a qualidade não é uma questão de tudo ou nada, pois um determinado texto pode apresentar lindas ilustrações e boa diagramação e ser deficiente na história, ou vice-versa. Tampouco qualidade é se deixar levar somente por livros estrangeiros - mesmo porque temos muitas e excelentes publicações nacionais - ou apenas por autores extremamente conhecidos, por acreditar que são os únicos merecedores de uma leitura.

Ao selecionar um livro para ser lido estamos, na verdade, valorizando-o, apesar de ser comum a associação do conceito de seleção ao de censura. Isto realmente pode ocorrer se o professor elege os textos baseando-se somente em catálogos de editoras (quase sempre, indicações preconceituosas e reducionistas), aceitar (sem conhecimento prévio) a indicação de algum colega de profissão, seguir intuitivamente seu gosto pessoal, ou ainda, quando a seleção recair somente nas preferências das crianças. Ai sim, é censura! É lógico que, inicialmente, as crianças não podem elege algo que não conhecem e, exatamente por isso, é preciso que desde o início da escolaridade (para não dizer, de sua vida) haja uma variada circulação de material de leitura em sala de aula. Mas variedade não significa mera presença de livros na classe ou um armário abarrotado deles e trancado à chave a maior parte do tempo! Variedade é poder ampliar o universo de leitura das crianças oferecendo-lhes um material que funcione como fonte altamente ativa de lazer e fruição estética, que facilite um contato sedutor, forneça um convívio prazeroso com o mesmo.

Processo de seleção

Para a seleção de livros levava em conta alguns critérios que considero fundamentais para orientar as decisões, como por exemplo: que o professor seja um leitor incansável e um conhecedor sobre literatura, em geral; a necessidade de se ampliar o universo de leitura das crianças; a participação efetiva das crianças no processo de seleção; o fato de que só se forma leitor aquele que além de ler para si próprio, escuta leituras; a necessidade do manuseio; considerar a biblioteca da escola como espaço complementar indispensável.

Quanto ao primeiro critério, eis aqui um papel fundamental do professor: o de ler muito, conhecer muitas obras (tanto em variedade de títulos, quanto em qualidade literária) e manter-se sempre atualizado, participando de eventos (feira de livros, por exemplo), visitando livrarias especializadas, analisando especialistas em revistas que destinam um espaço à indicações de textos para crianças, consulta com especialistas, etc. É muito difícil imaginar e acreditar que alguém, que não lê além do estritamente indispensável, possa transmitir prazer pela leitura.

Em sala de aula, procurar ser estimulador, observador e criador de situações favoráveis à leitura; afinal, ler só vai ser prazeroso para as crianças se também for para o professor. Para aquele professor que compreende seu papel de criar condições para as crianças elaborarem seu gosto pela leitura e de incentivar a crítica acerca dos textos que são apresentados, o trabalho realizado em sala de aula tem outra significação. Decisivo também, é saber entrar no ponto de vista das crianças, ao ouvi-las emitindo suas opiniões, prestando atenção quando dizem aos outros o que estão lendo ou leram, ou recomendando livros

entre si. Com esta postura como exemplo, os alunos também aprendem a colocar-se na perspectiva dele e dos amigos, respeitando idéias distintas a respeito dessa ou daquela leitura, evoluindo na autoconfiança para dar sugestões e construindo espírito crítico para leituras futuras. O professor precisa também estar atento às proposições feitas no momento em que se questiona coletivamente um texto, ou apenas, observar as crianças no momento da leitura: a expressão do rosto, os olhos, o sorriso, os trejeitos e outras atitudes manifestadas.

Este critério nos remete imediatamente ao segundo, que é o de ampliar o universo de leitura dos nossos alunos. A responsabilidade de oferecer diferentes alternativas quanto a gêneros, autores, ilustrações, etc é do professor e, como bom leitor, pode, como já foi dito anteriormente, manter-se vigilante para que a escolha do material não fique só no seu gosto pessoal, nos catálogos, na indicação de terceiros ou exclusivamente sobre a base das preferências das crianças. Afinal, como disse Meireles (1979, p.28), “a literatura não é, como tantos supõem, um passatempo. É *uma nutrição*”⁶. E se é para nutrir-se, no sentido de educação, instrução, tão bem observado por Cecília Meireles, que seja com livros que a criança revele sua preferência, aliada a uma boa indicação e posterior seleção.

Muitos docentes temem a participação das crianças no processo de seleção, nosso terceiro critério, pois acreditam na possibilidade delas elegerem livros pouco adequados. Isto não está longe de acontecer, afinal as crianças sempre expressam seus gostos e selecionam o que lêem em função do seu interesse, da utilidade da leitura e do prazer que a mesma possa oferecer. Seria um grande alívio se soubéssemos determinar, com exatidão, como seria o livro adequado às crianças, mas já que é difícil, o professor faz o seu papel: o de propiciar a circulação de textos variados, provocar a interação e a reflexão, propondo um intercâmbio gerador de opiniões e críticas acerca das leituras, prestar atenção às reações das crianças frente aos diversos temas e autores e, finalmente, acreditar, volto a repetir, que existe qualidade literária sim, mas que não é o tudo ou nada.

As crianças não são incomodadas pelo tamanho e pela complexidade do texto, tanto é que, só para que se tenha uma idéia, os livros selecionados para a nossa biblioteca de aula eram de diferentes gêneros, tinham textos de extensão variada, sem limites de páginas, ou restrição quanto ao vocabulário que deve ou não deve conter, com ou sem ilustração, de autores nacionais e estrangeiros, clássicos e contemporâneos. E como era agradável quando me deparava com as crianças mostrando o seu conhecimento sobre os livros da biblioteca escolar ou de classe durante a recomendação a algum colega, quando escolhia um livro para levar para casa e mostrava criteriosamente a sua

preferência, ou ainda, quando lia um determinado livro por gostar do estilo de “tal autor”. Era o conhecer, o apreciar, o desfrutar!

Em relação ao quarto critério, a leitura do professor é particularmente importante, sobretudo, no início da escolaridade, quando as crianças não podem abordar os textos por si mesmas, de forma eficaz. Ao ler, o professor transmite às crianças certos comportamentos típicos de um leitor; mostra de que maneira nós, adultos, utilizamos a linguagem oral. Ler é também fazê-lo pela voz do outro, pelos que já sabem ler. Ouvir o professor ler uma história, estimula a organização de pensamento, o imaginário, o querer ouvir novamente, o escrever... é familiarizar-se com uma linguagem que não se escuta a todo momento, é aprender como se faz para ler.

Com respeito ao quinto critério, a necessidade de manuseio, é de fundamental importância, pois sem agir sobre o objeto de seu interesse e que deseja compreender (no caso, o livro), a criança não constrói conhecimento algum. Neste sentido, endosso o que Silva (1991, p.67) diz:

“Ninguém aprende a gostar de leitura apenas ouvindo falar de livros ou vendo de longe os livros trancafiados numa prateleira - é necessário que a criança pegue e manipule o ingrediente ‘livro’, leia o que está dentro dele para sentir o gosto e para verificar se essa atitude tem ou poderá ter uma aplicação prática em seu contexto de vida”.

Manusear um livro é conhecê-lo na sua totalidade, é sentir sua qualidade. Este era um momento da Roda de Leitura que nos agradava bastante, pois juntos “despiamos” o livro - sem interrogatórios para saber o quanto e o que entenderam - numa conversa aberta que procurava contar com a participação de todos. Afinal, o conhecimento é a construção de cada um e colaboração de todos.

Eis o elenco de alguns “detalhes” que merecem ser bem tratados para um melhor conhecimento dos livros:

- nome dado ao título (por que será que o autor escolheu este título e não outro);
- autor (já o conhecemos?; se não, vamos saber um pouco dele);
- a tradução (a que país pertence o tradutor; qual a sua importância para a obra?);
- Editora (em que cidade foi impresso o livro?);
- ano de publicação;

⁶ Grifo da autora

- a capa e a contracapa (quem a ilustrou?; já ilustrou algum outro livro que conhecemos?; quais as cores predominantes usadas?);
- as ilustrações (coloridas ou em preto e branco; ou o porquê do livro não possui-las; a história ficaria mais interessante se as tivesse?) e o ilustrador (é a mesma pessoa que fez a capa?);
- a qualidade do papel (brilhante, fosco, áspero) e impressão;
- disposição do texto na página (está no alto da página, embaixo, à direita, à esquerda, ou toma toda a página?);
- a diagramação cuidada (tipos de letras - grandes, pequenas, escuras; os espaçamentos; presença de aspas ou travessões - trata-se de um diálogo? etc);
- a discussão dos procedimentos que utilizamos quando um texto apresenta palavras cujo significado desconhecemos (o uso do dicionário⁷);

Por último, o sexto critério, a biblioteca escolar, um componente básico do planejamento do ensino de leitura, uma infra-estrutura de apoio para o encaminhamento da leitura. Para o meu trabalho, sempre foi um reduto muito especial de iniciação à leitura.

Procurava conhecer bem o acervo existente na biblioteca escolar para não só orientar meus alunos na retirada de livros e no que mais tangia ao uso de seus serviços, mas permitir a minha atualização pedagógica.

Roda de leitura

Sentados no chão da sala, formávamos uma roda, onde cada um encontrava um jeito gostoso de ficar: enrodilhado, sentado, deitado... não importava... tinham que se sentir

descontraídos e, ao mesmo tempo, acomodados. A nossa "Roda de Leitura" acontecia todos os dias, logo ao iniciarmos nossas atividades de aula; um espaço criado especialmente para a leitura de contos, narrativas, poemas, lendas, enfim, histórias que, na maioria das vezes, lhes falavam de perto ao coração⁸. Esta leitura era feita por mim -

⁷ Sobre o uso do dicionário em sala de aula consultar MORAIS, Artur Gomes de. **Ortografia: ensinar e aprender**. 3.ed. São Paulo: Ática, 2000. p.112-117.

⁸ Algumas vezes estendemos a leitura a outros tipos de textos: jornalísticos, informativos em geral, enciclopédicos, dentre outros. Como o nosso objetivo maior era ler para gostar de ler, essas outras leituras tinham um outro momento reservado para acontecer em sala de aula.

confesso, minha atividade predileta em classe: pegava aleatoriamente, ou segundo a escolha de algum(ns)

aluno(s), um livro de dentro da caixa de papelão e começava a contar-lhes a história, sempre fiel ao texto, sem alterar palavras, sem infantilizar a linguagem ou simplificar a

trama. Alguns livros menores, liam-se em um, dois dias, mas havia também os mais extensos e que por isso mesmo, lidos em capítulos, em até duas semanas ou mais⁹. Os momentos seguintes à leitura eram gostosura pura, curiosidade, sorrisos, magia, emoção deflagrada, silêncio, suspense a ser resolvido, lembranças ressuscitadas e outra tantas maravilhas que só um "bom" texto provoca... Uma vez terminada a leitura, abria-se espaço para a partilha das interpretações, dos palpites, das emoções: falávamos sobre os personagens com os quais se identificaram ou que lhes causaram algum sentimento, sobre como teriam agido se estivessem vivendo a mesma situação da história ou se estivessem no lugar deste ou daquele personagem... Ah! Não esquecíamos de manuseá-lo, sentir sua espessura, sua capa, suas ilustrações... e para que isso pudesse acontecer, o livro ficava à disposição das crianças. Era um tal de "me deixa ver", "agora é a minha vez", "eu sou o próximo"; um "xeretar" infinito de detalhes que durante a leitura lhes escapavam da visão. Acredito eu, um dos momentos mais ricos de leitura, na medida em que as crianças, a partir da interação com o texto ouvido e sentido, tinham a oportunidade de verbalizarem os significados que conseguiram construir. Vencido o mês e vencidas as leituras, era feito o registro no caderno dos livros selecionados e encaminhado ao conhecimento dos pais, não só como recomendação de leitura, mas especialmente como participação do nosso trabalho com a literatura. Aliás, este era um outro aspecto positivo de nossas rodas: o crescente interesse dos pais, ao pedirem sugestões de livros e ao acompanharem os empréstimos feitos nas bibliotecas.

Considerações finais

A promoção da literatura na escola só terá êxito se for ao encontro das necessidades das crianças, por isso mesmo, as sugestões aqui apresentadas devem ser constantemente revistas e enriquecidas. O essencial para nós, sempre foi a certeza de que a leitura em nossa sala de aula não era a "opção-que-se-faz-quando-se-terminou-todas-as-atividades", mas era vida, sentida e, continuamente restaurada.

Com um pensamento de Elias José (1997, p.69), fecho este meu texto, sem nunca ter pretendido apresentar "o" modelo a ser seguido no trabalho com a literatura infanto-juvenil. Prefiro

⁹ Cito aqui, como exemplo, os livros **O meu pé de laranja lima** de José Mauro de Vasconcelos. **O sobradinho dos pardais** de Herberto Sales. **O menino do dedo verde** de Maurice Druon.

apenas entender que minha intenção é trazer à tona a discussão de “um” modo de tentar auxiliar nossas crianças a aprender a gostar de ler e, ler, sempre e muito, com mais prazer, êxito e magia...

“A literatura pôde nos levar a um mundo idealizado, capaz de nos dar o que o cotidiano nos nega, sem nos alienar. A literatura pode nos levar a conhecer pessoas, as personagens, que geram em nosso espírito simpatia ou antipatia, e possibilitam que o nosso eu se encontre e se reconheça ou se estranhe em outros eus. Esse processo de identificação ou de projeção já nos dá a medida psicológica do texto literário, que pode agir catarticamente sobre o caminho que nos leva à difícil viagem ao nosso interior. Saímos de um conto ou romance tontos de prazer ou cheios de perguntas sobre o mundo que nos cerca. Sobre o mundo que nós somos e que, muitas vezes desconhecemos”.

NOSSOS LIVROS FAVORITOS

A seguir, a relação de livros “campeões” eleita pelos alunos:

A arca de Noé – Vinicius de Moraes

A história do lobo – Marco Antônio Carvalho

A ilha perdida – Maria José Dupré

A menina que fez América – Ilka Brunhilde Laurito

As mil e uma noites – Tradução de Julieta de Godoy Ladeira – Scipione

A vida acidentada de um vampirinho – Carlos Queiroz Telles e Eneas Carlos Pereira

Bisa Bia, Bisa Bel – Ana Maria Machado

Chapeuzinho amarelo – Chico Buarque de Holanda

Coleção Para gostar de ler – Ática

Comboio, Saudades e Caracóis – Fernando Pessoa

Contos de Grimm – Ática

Contos de Andersen – Ática

Di-versos alemães – Tradução de Tatiana Belinky – Scipione

Di-versos russos – Tradução de Tatiana Belinky – Scipione

Fábulas Italianas – Ítalo Calvino

Fábulas de Esopo – Russell Ash e Bernard Higon

Fita verde no cabelo – João Guimarães Rosa

Histórias de fadas – Tradução de Bárbara Heliadora – Nova Fronteira

Lê com Cré – José Paulo Paes

Na mira do vampiro – Lopes dos Santos

Obras Completas – Monteiro Lobato – Brasiliense

O cata-vento e o ventilador – Luís Camargo

Olha o bicho – José Paulo Paes

O menino do dedo verde – Maurice Druon

O meu pé de laranja lima – José Mauro de Vasconcelos

O sobradinho dos pardais – Herberto Sales

O teatro de sombras de Ofélia – Michael Ende e Friedrich Hechelmann

Os bichos que tive (memórias zoológicas) – Sylvia Orthof

Ou isto ou aquilo – Cecília Meireles

Pedrinho esqueleto – Stella Carr

Poemas para brincar – José Paulo Paes

Segredinhos de amor – Elias José

Um cadáver ouve rádio – Marcos Rey

Viagem ao centro da Terra – Julio Verne

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. 5.ed. São Paulo: Scipione, 1997. 174p. (Pensamento e Ação no Magistério, 7)

AMARILHA, Marly. *Estão mortas as fadas?: literatura infantil e prática pedagógica*. Petrópolis, Vozes, 1997. 93 p.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Trad. Maria Margarida Barahona. Paris: Éditions du Seuil, 1973. 119p.

JOSÉ, Elias. *Leitura: prazer, saber e poder. Leitura: teoria e prática*, v.16, n.29, p.65-75, jun.1997.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 4.ed. São Paulo: Ática, 1999. 112p.

MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. 3.ed. São Paulo: Summus, 1979. 119p. (Novas Buscas em Educação, 3)

SANTOS, Iolanda Souza dos. Literatura infantil e interdisciplinaridade na sala de aula pré-escolar. *Nuances*, Presidente Prudente, v.5, p.126-131, jul.1999.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *De olhos abertos: reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991. 128p. (Educação em Ação)

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 5.ed.rev.ampl. São Paulo: Global, 1985. 118p. (Teses, 1)